

A Graça do Corpo

(Continuação)

A ORIGINALIDADE

Por originalidade bem se comprehende que não se entende nem a bizarrice, nem a singularidade, mas sim a individualidade e mesmo a personalidade, como insignia academica que constitue a pessoa e nos torna distincto dos outros.

A originalidade pois de que eu fallo consiste em uma pessoa ser a propria e não uma copia, um exemplar de um typo commum.

Isso tanto se applica aos homens, como ás mulheres, mas, dirigindo-me a estas, de preferencia, dir-lhe-ei:

— Se quereis ser *al nem*, não macaqueis nem a Ingleza, nem a Americana, nem a Viennense... nem mesmo a Parisiense; nem uma grande dama, nem uma grande actriz, nem uma virago, nem mesmo vossa mãe ou vossa mãe.

A imitação é uma coisa detestavel, porque offende a verdade. Não procureis andar, como a vossa amiga, embora tenha ella o mais correcto porte do mundo; sentir-se-ha logo a mentira dessa desenvoltura de empréstimo, de que, alias, apenas seréis a caricatura. Corrigi em vosso porte o que pudesdes reformar, isso é permitido e nos o dissemos por vezes, em artigos anteriores. Depois contentai-vos com a vossa propria maneira de andar, o que ficara em harmonia com a vossa propria estrutura e, crede-me, só na harmonia reside toda a belleza.

É preciso muita individualidade, cultivada physicamente, moralmente, intellectualmente; menos os debitos que se pode extirpar, embelezada por graças que se pode desenvolver; individualidade, mesmo sob o ponto de vista da *folleto*.

Não ha quem não aprecie as individualidades pela razão muito simples de que ha alguma differença entre os seres humanos. Sem isso haveria uma monotonia acabruhadora que estragaria a vida. A natureza quiz, em todos os reinos, em todas as especies, a variedade na imidade.

Sede pois uma mulher distincta, sem que vos confundais com a multidão. Conservae sempre a vossa cor natural.

Procureae supprimir tudo quanto for feio e mau.

Sede original, sem ir até a extravagancia, sem franquear as grandes regras geas, contanto que guardeis a reserva e a altivez femininas.

Tornar vos-heis interessantes, com toda a certeza.

A natureza, que não quiz que da mesma arvore nascessem duas folhas semelhanças inteiramente, não admittre com maioria de razão na especie humana semelhança exacta.

Mas desgraçadamente toma se até por modelo ás vezes um typo sem genio, sem originalidade.

Imitar os outros, os do mesmo circulo, da mesma roda parece ser o ideal de muita gente.

Parece que muita gente tem vergonha ou medo de destacar-se um pouco, dahi o espirito de subserviencia.

Ninguém deve mesmo deixar-se estampillar pelo característico da epoca que se atravessa, nem affectar maneiras de ser e de ver *fin de siècle*. Cava um que mantenha a sua propria individualidade.

PAROISE, STALLÉ.

Os Sinos

Março tinha dado a doença de amor a Biascio.

Havia já dias que tres noites que elle não conseguia fechar os olhos; sentia por todo o corpo formigões, ardensas, picadas, como se de um momento para o outro fossem saltar-lhe pela pelle tora milhares de borbulhas, de rebentos de rosas silvestres. No fundo do seu casbete entrava, não se sabe por onde, um cheiro fresco e penetrante das serras, de plantas tenras, de amendoeiras em flor...

Por Santa Barbara protectora! Na ultima vez que elle tinha visto Zolfina era justamente a uma amendoeira que ella estava encostada, e contemplava as duas velas de um barco, no alto mar; e sobre a sua cabeça havia um inebriamento de brancura embalsamada que cochichava ao sol; e em volta d'ella havia a florescencia de uma plantação de linho; e nos olhos tinha duas pernicuas abertas, e sem duvida tambem tinha flores no coração!

Deitado na sua eserga Biascio pensava, apaixonado, em toda essa exuberancia de vida primaveril. E já a lullia extrema do Adriatico, lá ao fundo, se illuminava, com os primeiros clarões tímidos da alvor, quando elle se levantou e trepou pela escada de madeira até os mihos de andorinhas, no cimo do campanario.

No ar sussurravam vozes estranhas, indistinctas, semelhanças a bofijos fugitivos, a respirações de folhas, ao roçar de rebentos, ao zumbido de azas. As casas agrupadas dormiam ainda; a planície jazia n'um meio sono debaixo da sua cortina de brumas ligadas; aqui e ali, n'esse immenso lago estagnado, as arvores balouçavam se á mercê da brisa, ao fundo, as collinas violáceas decompunham se em tons claros, esbatidos no horizonte cendrado; em frente estava o mar, brilhante como uma lamina de aço, com alguma

vêla obscura na penumbra; e depois sobre tudo, uma fresca e diaphana serenidade do firmamento aonde as estellas iam empalidecendo uma a uma.

Os tres sinos immoveis, com os seus ventres ocos de bronze entediado de arabescos, esperavam que Biascio os agitasse para lançarem no espaço, as aragens da manilha, as suas vibrações triumphaes.

E Biascio pegou nas cordas. Ao primeiro movimento, o sino maior, a Loba, teve um profundo estremitamento; a sua larga bocca dilatou-se, contrahiu-se, tornou a dilatar-se; uma onda de sons metallicos, seguida d'uma especie de mugido prolongado, se espalhou sobre todos os tetos, alastando com o vento por toda a planície e por toda a praia. E o timbre



RAINHA VICTORIA

precipitavam se; o bronze animava-se, semelhante a um monstro louco de colera ou de amor, oscillava esbontadamente á direita e á esquerda, mostrando a sua guela ás duas bahias lançando suas largas notas profundas ligadas por um bramido continuo, rompendo de repente o rythmo, accelerando o movimento até se fundir n'um estremeitamento de harmonia cystalina, expandiu-se com solemnidade no espaço.

Em baixas ondas de sons e as ondas de luz crescente expulsavam o somno dos campos; os nevoeiros subiam em fumo, doravam-se, dissolviam-se lentamente na claridade matutina; os oxeiros tomavam uma cor acobreada. E de repente ouvia se outro timbre sonoro: o carrilhão da Strige, aspero, rouco, desafiando, como um latido raivoso, contra os uivos de uma fera... E depois era o martellar rapido da Cantadeira, um martellar alegre, limpo, agil e travesso como uma saraivada de granizo sobre uma inclina de crystal.

E eram ainda os echos longinquos dos outros campanarios de S. Roque, lá ao longe, aquelle campanario arruinado, agachado entre carvalhos; o campanario de Santa Theresa, esse enorme pão de assucar transparente; o campanario de S. Francisco; o campanario do convento... dez, quinze bocetas metallicas que espalhavam nos campos as variações alegres e sãs do hymno dominical, n'um templo de luz.

Biascio embriagava-se com esta algazara. Era digno de ver-se o garoto ossudo e nervoso, com a sua grande cicatriz arroxada na frente, desconjunctados os braços, arquejante, deparurar-se nas cordas como um macaco, fazer se levantar pela força irresistivel da sua querida Loba, trepar até a cupula para dar os ultimos abalos a Cantadeira no tremor surdo dos outros dois monstros domados.

Alli elle era rei. As hervas espessas esenlavam o velho muro esborçado com um impeto de juventude; encravavam-se nas traves do tecto como os troncos vivos, revestiam os tijollos vermelhos de uma camada de pequenas folhas cor-de-rosa, lizes, e mo docos de esmalte; espalhavam-se e pendiam pelos largos alpendres como uma pullulação de fios reptis; davam assalto as telhas, sementes de nihos, nihos velhos e novos, já cheios de andorinhas em amor.

Chamavam louco ao pobre Biascio, mas ali, elle era rei e poeta. Quando o céu sereno se curvava sobre a campina florida, quando o Afrinctico esbaçado pelo sol reflectia as velas alaranjadas, quando as ruas estavam em plena actividade de trabalho el e hevia no cimo do seu campanario como um falcão

selvagem, sem fazer nada, com o ouvido encostado ao flanco da Loba, da fera tenivel e soberba que um dia lhe tinha aberto a fronte; e de tempos a tempos batia-lhe com os nos dos dedos para se deliciar nas longas e suaves vibrações. Ao pé d'elle estava a Cantadeira, reluzente como uma pedra preciosa, no seu vestido de arabescos e algarismos, com a imagem de Santo Antonio em relevo; mais longe, a Strige mostrava, o seu velho ventre sulcado em todo o cumprimento por uma fenda e os seus labios deformados.

Que meditações junto d'aquelles tres sinos, que orgia de sonhos extravagantes, que vóos lyricos de mixido e desejos! E como era bella e gentil a imagem de Zolfina, emergindo n'aquele mar de ondas sonoras, nas manilhas abatazadoras, ou desvanecendo-se nos crepusculos, quando a Loba tomava o seu tom de melancholia, e afrouxava o movimento até morrer de languidez!

Uma tarde de abril, elles encontraram-se na pradaria, atraz das nogueiras da Monna, debaixo de um céu de opala no zenith com manchas violáceas no poente. Ella cantarolava, ceifando herva para a vacca.

O perfume da primavera subia-lhe á cabeça, dava-lhe vertigens, como o vapor do vinho doce em outubro. Quando ella se curvava, a saia roçava-lhe as pernas nuas, levemente com uma catraca, e o prazer que sentia a obrigava a fechar os olhos.

Biascio avançava balouçando-se, o barrete inclinado para traz e um ramo de cravos na orelha. Não era feio rapaz o Biascio; tinha os olhos grandes, pretos, cheios de uma tristeza selvagem, d'uma especie de nostalgia, olhos que faziam lembrar os dos animaes captivos; na voz tinha um encanto, alguma coisa de profundo que não parecia humano; não conciecia nem modulações, nem flexibilidades, nem *morbidões*; e lá em cima, em companhia dos seus sinos, no grande ar, na grande luz, na grande solidão, a linguagem que tinha aprendido era cheia de sonoridades, de notas metallicas, de asperezas imprevistas, de gravidades gutturales.

— Que faz ali Zolfina?

— Certo herva para a vacca do pae Miguel; ahí está o que eu ligo! respondeu a loura rapariga, sem se levantar com o seio palpitante.

— Oh! Zolfina, sente este bom cheiro? Eu estava no alto da torre a ver os barcos que o vento gregio impelle para o mar; e a menina passou cantando... cantando... Flor rasta...

Calou-se porque sentiu de repente apertar-se-lhe a garganta.

E hecaram ambos calados a escutar o sussurro prolongado das nogueiras e o murmuro do mar distante.

Biascio, muito pallido, acalhou por se inclinar tambem sobre a herva; e por entre aquella frescura vegetal, tão voluptuosa, as suas mãos procuravam avidamente as mãos de Zolfina, que estava vermelha, como uma brasa.

— Quer que a ajude? disse elle bruscamente.

Dois bellos lagartos grandes, enmadorados, atravessaram o Prado, como flexas e desapareceram nos matorros da sebe.

Biascio agarrou-lhe o pulso.

— Deixe-me! murmurou a pobre rapariga. Deixe-me, Biascio.

Depois apertou-se contra elle, deitou-se beijar, retribuiu-lhe os beijos e dizia:

Não! não!

Mas estendia-lhe os labios, humidos e frescos.

O seu amor cresceu com o leno, e o feno subia, subia como uma vagar; e ro meio d'esta maré verde, Zolfina, erecta, com um lenço vermelho atado na cabeça, parecia uma esplendida papoula luxuriante. Que alegria de retorcellos sob os reinques das madeiras brancas, ao longo dos bosques carregados de nesperas e de madresilvas, nos campos amarelos e de couve em flor, emquanto lá embaixo em Santo Antonio, a Cantadeira fazia variações tão brilhantes que parecia uma péga enamorada!

Mas uma manilha que Biascio a esperava na Fonte com um ramo de goivos collidos de fresco, Zolfina não veio. Estava na cama doente com besigas negras.

Pobre Biascio! Quando soube, sentiu gelar-se-lhe o sangue, e cambaleou mais violentamente do que na noite em que a Loba lhe tinha aberto a testa.

E todavia, teve de subir ao campanario e estar os braços e pucltar as pernas, elle que tinha o desespero do coração, no badalar do domingo de Ramos, n'uma alegria insultante de sol, de ramos de oliveira, de pagamentos sumptuosos, de nuvens de incenso, de canções e de prece, enquanto a sua pobre Zolfina, soffria, Deus sabe que torturas!

Teve dias horriveis. Ao cair das trevas, ia vagar em torro da casa da doente como um chacal em volta d'um cemiterio; parava alguns instantes debaixo d'uma janella fechada, illuminada por dentro, e com os olhos cheios de lagrimas e as sombras que passavam pelos vidros, applicando o ouvido e comprimindo com as mãos o peito (que o coração parecia despedaçar, de reflexão se não cubindo). Passava as longas horas angustiada em peito dos sinos immoveis, amnulado por baixo d'elle, mas pallido que um cadaver. Por nem alma viva; diante d'elle, o mar triste e eurespadado, quebrava-se com um ruído monotonico sobre a praia deserta; por cima d'elle o azul céu.

E lá em baixo, sob aquelle tecto que mal se via, Zolfina agonizava, estendida na sua pobre cama, nuada com o rosto emnegrecido por camadas gtuinosas de materias purilentes, sempre nuada, em quanto a lamparina empalidecia na brancura crepus-



A ENTRADA YOMEI-MON EM NIKKO JAPAO

cular e o murmuro das orações se transformava em explosão de soluços. Duas ou três vezes, ninto a custo, levantou a sua cabeça loura, como se quizesse fallar; mas as palavras levavam-lhe na gainganta, faltava-lhe o ar, fugia-lhe a lma. Por fim moveu os labios com estertor abafado, como um cordeiro que se degolla, e depois morreu.

Bianco foi ver a sua polve morta. Pasmado, com os olhos vidrados, viu o esquite coberto de flores frescas sob as quaes desaparecia aquella podridão de carnes novas, aquella corrupção de humores ja decompostos. Olhou um momento entre a multidão; depois subiu; voltou à torre, subiu a escada de madeira até ao meio, pegou na corda da Cantadeira, deu um no corcho, meteu-lhe a cabeça e deixou-se pendur no espaço.

Os soltrelais do enforado fizeram com que atiravez do silencio da sexta feira santa, a Cantadeira lanhasse no ar cinco ou seis requizes miseráveis, argentinos, alegres; e um bando de andorinhas saltou do tecto para o sol.

G. D'ANNUNZIO.

Um crime!

A ESPOSA DE A. AZANOR

Uma senhora bondosa (Seu cabelo ja branqueja) Grave, porém graciosa, Com o filho ralha e o beija.

Pois elle não se contendo (Travessura endiabrada!) Commettu um crime horrindo! Atrou uma pedrada!

Mas uma pedrada, aonde? Sim! que a alguém leir podia! —Na meza! Depois se esconde. Da maldade ria e ria!

E a senhora ralhava: —Isso é feio! Isso não faça! Porém, ralhando, mostrava Que no crime achára graça.

E o pequenote, o tratante! Mostrava os alvinhos dentes Sorrindo, pois n'esse instante Pensava em crimes ingentes!

Fosse qual fosse o delicto, Elle, impune, estava. O espetto! Pois que um peido infinito No seu juiz tinha, é certo.

Phantasia! A minha poesia Kimu n'uns versos sem brilho! —Está descrevendo a scena Que viu de uma mãe e um filho.

GUIL-MAR.

4 Julho 1897.

Um ponto fixo no Universo

Perdida no espaço, como uma bola de creança que fluctua no ar, e mais em absoluto ainda, porque a bola é levada pelas ondas aereas, emquanto que os mundos gravitam no vacuo, a Terra é um joguete para as forças cosmicas invisíveis a que obedece, verdadeira bolha de sabão, sensível ao menor golpe. Podemos ter a esse respeito uma idéa precisa, considerando em um mesmo golpe de vista os onze movimentos principaes de que está animada.

Lançada em redor do Sol, na distancia de 37 milhões de leguas e executando, n'essa distancia, sua evolução annual em volta do astro luminoso, corre por consequente, com uma velocidade de 643.000 leguas por dia ou 20,800 por hora, ou 2,1430 metros por segundo.

Essa velocidade é mil e cem vezes maior que a de um trem relampago lançado a razão de 100 kilometros por hora. É uma bala correndo com uma rapidez 75 vezes superior à de um obuz correndo incessantemente, sem nunca parar.

Em 05 dias, 6 horas, 8 minutos e 10 segundos o projectil terrestre voltou ao mesmo ponto de sua orbita com relação ao sol e continua correndo. O sol por sua parte, muda de lugar no espaço, seguindo uma linha obliqua ao plano do movimento annual da Terra, linha dirigida para a constellação de Hercules. Resulta d'ahi que em vez de descrever uma curva encurrada, a terra descreve uma espiral e nunca passou duas vezes pelo mesmo caminho, desde que existe.

A seu movimento de revolução annual em volta do Sol, se liga assim perpetuamente ao do mesmo Sol que a arrasta, com todo o systema solar, em uma queda obliqua ate a constellação de Hercules.

Durante esse tempo o mesmo globinho gyra em torno de si mesmo, em vinte e quatro horas na successão constante de 3 dias e das noites. Rotação diurna: terceiro movimento.

Não gyra sobre si mesma, em posição recta, como se estivesse verticalmente sobre uma mesa, mas inclinada como todos sabem 23° 27'. Essa inclinação também não é estavel, varia de anno a anno, de seculo em seculo, oscillando lentamente por períodos seculares, em uma amplitude de 2° 27', 21'.

Mil e cem annos antes de nossa era foi de 23° 54'. Ha mil annos era de 23° 35'. E' esse um quanto genero de movimento.

A orbita que nosso planeta percorre annualmente em redor do Sol, não é circular, mas elliptica. Essa ellipse varia taubem de anno em anno, de seculo em seculo; ora se aproxima a circunferencia de um circulo, ora se alonga ate uma forte excentricidade.

E' como um circulo elastico que podesse ser reformado mais em menos. Quinta complicação no movimento da terra.

Essa mesma ellipse não está fixa no espaço, mas gyra em seu proprio plano em um periodo de 21,000 annos. O perihelio, que no principio de nossa era se achava a 660 de longitude a partir do equinoctio de primavera, achase hoje a 109. Essa alteração secular da linha do apsidis representa uma sexta complicação nos movimentos de nossa morada.

Eis agora o septimo. Arabamos de dizer que o eixo de rotação de nosso globo está inclinado e todos sabem que a prolongação ideal d'esse eixo chegaria até a estrella polar.

Esse mesmo eixo não está fixo tanto assim que em 29,705 annos guardando sua inclinação de 22° a 24°, o seu prolongamento descreve sobre a esphera celeste em redor do polo da elliptica, um circulo de 44' a 48' de diametro, segundo as epochas.

Como consequencia dessa mudança de posição do polo, Vega será a nossa estrella polar dentro de 12,000 annos.

Um oitavo movimento devido à acção da Lua sobre o bojo equatorial da Terra, o da mutação, faz descrever ao polo do Equador uma pequena ellipse de 18 annos e 8 mezes.

Um nono movimento devido igualmente a attracção de nosso satellite, muda incessantemente a posição do centro de gravidade do globo e o lugar da Terra no espaço, quando a lua está adiante de nos accelera a marcha do globo; pelo contrario, quando esta por detraz, nos retarda, como um fardo, complicação que vem junta-se a todas as precedentes.

Quando a Terra passa entre o Sol e Jupiter, a attracção d'este apezar de sua distancia de 130 milhões de leguas a faz desviar até 29,1' além de sua orbita absoluta. A attracção de Venus faz desviar-se 1° 25'. Saturno e Marte obram taubem porém mais fracamente; são essas perturbações exteriores que constituem um decimo genero de correcções que se deve juntar aos movimentos de nosso esquite celeste.

Pesando o compacto dos planetas, approximadamente 1,000 parte do peso do Sol, o centro de gravidade em volta do qual circula annualmente a Terra, não se acha jamais no centro mesmo do Sol, mas longe d'elle e a millo, até fora do globo solar.

Fallando em absoluto, a Terra não gyra em volta do Sol assim como os outros astros. Sol ou Terra gyram em torno do centro comum de gravidade. O centro do movimento annual de no-so planeta muda pois constantemente de lugar, e podemos juntar essa undecima complicação a todas precedentes.

Podemos acrescentar muitas outras, porém o que precede basta para apreciar até que grau soffre, submissa, esta nossa ilha fluctuante todos os caprichos das influencias celestes.

A analyse mathematica vae muito além d'essa summaria exposição: descobriu para a lua que parece gyrar tão tranquillamente em volta de nos outros, mais de sessenta causas distinctas de movimentos diferentes.

A nossa phrase não é exagerada: nosso planeta não é mais que um joguete para as forças cosmicas que o conduzem pelos campos celestes, e o mesmo succede com todos os mundos e com tudo quanto existe no Universo.

A materia obedece docilmente à força.

CAMILLO FLAMMARION.

Um pedido

Donzella tão meiga gentil e formosa, Bem sei que sensível tem sido ao amor; Comigo não sejas, porém, rigorosa, Que esta alma captiva não plore com a dor!

Tu julgas acaso que eu sou inconstante? Não sentes que é logo que tem de durar? Acaso é possível fugir ser amante, Sem logo nas vistas traíção revelar? ..

Mas tu não duvidas tens olhos n'ó dizem: Então porque occultas teu custo sentir? Recusas das gentes porveras?... malizem. Mas nunca seus ratos te podem ferir!

Já sei; foi lembrança que outrora approvava, Que tu nula poderes, tão fria guardar! Ah! simples que eu era: pois fime julgava Poder este affecto no peito occultar!

Um unigo sorriso, sorriso d'esperança, Querida com ede ao teu trovador; Não tentes fazer mais longa a tardança De ouvir de teus labios palavras de amor!

Porém só comigo te mostres fagueira; Cumes teria até dos teus ais! Não julgues capricho a expressão verdadeira D'amor que é dos anjos, e poucas moidades!

Pra os outros reserva um olhar indifferente, Palavras que nutem a esperança ao nascer; Assim correrá nossa vida contente, E nunca os remotos te irão offender!

O GOMES.

Miscellanea

AS LISTAS DE COMIDA E OS YANKEES

O deputado americano Mr. Gould, representante do condado de Wayne na assemblea de Michigan, apresentou um projecto de lei com o fim de obligar os donos de restaurantes e tabas a escreverem em inglez as listas da comida, o que de ordinario se faz em francez.

Explicou-se a colera de Mr. Gould desde que se sabia que alojado ha pouco tempo em um hotel de Chicago e sendo-lhe apresentada a lista não quiz confessar sua ignorancia, escolhendo ao acaso cinco pratos, tendo o dissabor de ver que os cinco eram todos de latatas preparadas de cinco modas.

Sonho real

Foi assim mesmo que eu te vi em sonhos. Triste como a minha alma, quando chora. Os labios me sorriam, mas tristonhos (Os olhos me fitavam como agora.

Que momentos passei! tão enfadonhos!... Quando acordi virinha pensando a aurora, Os passáros cantavam tão risinhos! Pois a noite ja tinha se ido embora.

E eu pensava, lembrando essa tristeza. Foi um sonho cruel mas sem verdade! Porém agora fico na certeza

Que o meu sonho reflecte a realidade. É a minha alma, que vive a tua presa. Vai ver-te assim que apaña a liberdade,

FRANCISCA SILVA.

Advertisement for CRÈME SIMON. Includes an image of a baby and a jar of cream. Text: CRÈME SIMON PARA conservar o dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE. Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON. Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, Rue Grange-Batelière. PARIS. PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Galbeterios. Desconfiar das Imitações.

Advertisement for Cravos Pretos do Rosto (COMÉDONES) EAU PASTOR. Includes an image of a woman's face. Text: Cravos Pretos do Rosto (COMÉDONES) EAU PASTOR. Efficacissima e de todo inoffensiva, desapparecer os CRAVOS PRETOS DO ROSTO, que se tumilhostam nas azas do nariz. Não testa, mas facos e são ocacionados pelos DEMODEX, esses parasitas são contagiosos; manchem, sapieam e tiram a tez. LEMODEX. Visto com o microscopio. NOTA — A grande acção da EAU PASTOR ha universalmente empregada, fez com que apparecessem alguns rums productos similares, sell' effecto alguns e que convém evitar com o maior cuidado. Deposito: PHARMACIE DE LA TOUR 66, RUE DE LA POMPE, PARIS. Encontra-se em mesma pharmacia: Viagre Pastore (o melhor viagre para boudar), nico que purifica e tem alva a cutis sem causar irritação. Savon Pastor de extracto de sabão concentrado. Este sabão é superior a todos os sabões de Pharmacias pela maciez que dá a pelle.

THEATROS

24 de Agosto de 1877.

O acontecimento mais importante dos nossos theatros nestes ultimos dias foi o protesto lavrado pelos nossos actores e alguns autores contra certo artigo publicado n'uma folha de Juiz de Fora pelo distincto escriptor Coelho Netto, extendendo contra elles uma opiniao insultuosa e absurda.

Partido de outra penna, as injurias, passariam desaperecidas; mas o festejado autor das *Rhapsodias* — e foi isso o que mais indignou a classe — tinha uma peça em ensaio no Recreio e solicitava constantemente a representação de outros trabalhos de sua lava em outros theatros.

E' pena que um escriptor tão primoroso se veja, por um acto irreflectido, privado de fazer representar as suas produções theatraes; mas quem lhe mandou mexer em casa de maribondos? Sua alma, sua palma.

Elle que continue a escrever para os amadores do Sagrado Coração de Jesus, como escreveu esse poema dramatico *Pelo amor!* que vai ser hoje representado no Cassino Fluminense, e do qual diz maravilhas toda a gente, a começar pelo proprio auctor que não se tem fartado de lhe fazer reclamos em todas as folhas. Elle chama a isso «cultivar o seu jardim.» O homem conhece Voltaire, que tambem foi um grande reclamista *pro dono sua*.

Não duvidamos que *Pelo amor!* seja a obra prima que se annuncia. Diremos ás nossas leitoras a impressão que trouxemos do Cassino, aonde iremos com as melhores disposições de applaudir o trabalho de um dos escriptores mais talentosos da actual geração brasileira.

*

No Sant'Anna a *Madame Sans-Gêne* foi substituida pela *Segunda Mulher de Tanqueray*, uma peça ingleza, de Arthur Pinero, a qual, não obstante ter qualidades de primeira ordem, não justifica o estrondoso successo que apanhou em Londres.

No drama ha um typo de mulher nevrotica perfeitamente desenhado; mas a peça é fria, faltam-lhe situações e alguma novidade. Demais, o desempenho dos papéis deixou muito a desejar. A propria Lucinda Simões não esteve na altura do seu talento.

*

No Apollo tivemos um *vauville*, ou antes, uma comedia-operetta *Zot*, cujo segundo acto faz rir. O libretto de Mars e Raymond é bem feito, e a musica de Serpette saltitante e encantadora. Desempenho muito regular, destacando-se o actor Mattos que acrescentou mais um bom papel á sua importante colleção.

Zot fraquejou ao cabo de meia duzia de representações, e já voltou á scena o *Bico do papão*.

*

A companhia Pepa e Brandão reabriu o Recreio, reformado e limpo, com uma *réprise* da revista o *Abacaxi*, que ainda encontra espectadores que a ouçam e applaudam da primeira á ultima scena.

*

Os *Mil contos* desapareceram dos cartazes do Varietades sem dar á empreza a fortuna que o seu titulo prometia; foram substituidos pelo *Tim-tim por tim-tim*, que ainda encontra etc. (Leia-se o que dissemos acima a respeito do *Abacaxi*.)

*

Amanhã, segundo nos consta, a celeberrima companhia infantil do Eden-Lavradio representará os *Sinos de Corneville*. Se esta peça chamar concurrencia a esse espectáculo de crianças, não diremos: Ainda se encontram espectadores etc. (Leia-se o que mais acima dissemos do *Tim-tim por tim-tim*.)

X. Y. Z.

AS NOSSAS GRAVURAS

(dos n. 15 e 16)

Johannes Brahms

No dia 3 de Abril a morte arrebatou a vida de um grande dentre os maestros da arte dos sons, um artista que, desde o fallecimento de Wagner era tido como o maior dos compositores allemães vivos. Nasceu em Altona em 7 de Maio de 1833, sendo filho de um contra-baixo do theatro de Hamburgo, e como cedo começasse a mostrar grande talento musical, elle desde muito novo teve bons professores, entre os quaes citamos Eduard Marxen, de Altona. Já no anno de 1847, Brahms iniciou a sua carreira musical exhibindo-se em publico, como pianista; a principio só e mais tarde em companhia de Remy, um virtuoso no violino, húngaro, e tambem com José Joachim, do qual foi intimo amigo. Em 1859 o joven artista pass á por Dusseldorf, onde Roberto Schuman o hospedou dispensando-lhe mil finanças. Depois de uma pequena demora em Hamburgo e Weimar — onde foi tambem recebido e cumprimentado por Franz Liszt, elle accitou o lugar de director de coros na corte do principe de Lippe Detmold. mas pouco tempo depois trocou esta pelo de regente de concertos da sociedade dos Amadores de Musica que exerceu durante tres annos, para depois viver em Vienna das suas composições musicas.

Já nos seus trabalhos primitivos, que por intermedio da influencia de Schumann, encontraram enorme acceptação, Brahms se deu a conhecer como sendo um compositor de rara originalidade e as suas composições posteriores o collocaram entre os compositores mais

celebres e lhe angariarão muitas honras. Duas nuiverdades, a de Breslau e a de Cambridge, lhe conferiram o titulo de *Dr. phil. honc.* e o Imperador Guilherme Primeiro lhe conferiu a maior distincção que se podia conferir a um artista, isto é, o condecorou com o habito *pour le merite*.

Brahms nunca pedio a benevolencia da multidão, porque era por demais modesto para fazelo. Sem se desuorrear pela corrente pro e contra elle, seguiu avante, acompanhando os passos de Bach, Beethoven, de Schubert e Schumann.

Os seus conhecimentos musicaes eram illimitados, a sua força creativa admiravel e cada uma das suas obras, ainda a menor dellas, era uma obra prima embora nem todas tivessem a mesma acceptação. Como pianista Brahms não tinha rival e talvez se possa attribuir a isto o facto de o acompanhamento tenha um tão proeminente papel nas suas canções.

A' sua mãe, á qual adorava, elle dedicou o seu *Requiem* allemão. Elle tambem dedicava uma exti-ordinaria amizade á senhora Schumann, cuja morte muito o acabrinhou.

Os seus outros coros e entre outros: "Canção da Sorte," "Canção dos Pazzen," bem como a "Canção do Triunpho," passam com razão como sendo preciosos thesouros do mundo musical; os seus entendidos serios formam um bello contraste com o lyrismo de suas canções. As suas ultimas composições: Quatro canções serias já encerram em si um presentimento de morte, e com especialidade a melodia da terceira canção que o maestro compoz quando já estava seriamente enfermo, é muito tocante. Uma morte sem agonia o prostrou victima de uma affecção hepatica e o seu corpo jaz presentemente junto das sepulturas de Beethoven e de Schubert, no cemiterio Central de Vienna, cidade esta que lhe pretende levantar um rico mausoleo bem como uma estatua.

Depois da trovoadá

A revolta da natureza já passou o seu ponto culminante.

O vento ainda impelle as nuvens no ceo, mas isto já não passa de uma limpeza do mesmo ceo. D'ahi á pouco tempo o ar se tornará claro e o firmamento se apresentará mais azul do que o estava antes que as nuvens da trovoadá se reuniam e amontoavam ameaçadoras.

Tambem o regato que presentemente está avolumado com as aguas da chuva, em breve voltará ao seu costumeado socego, e o seu murmurio de novo se assumelhará á melodia de uma canção do viajante que passa.

Uma frescura maravilhosamente aromatica salta da terra molhada e a verdura das arvores e dos arbustos parece estar reanimada. A trovoadá era uma coisa necessaria; ella veio limpar a atmosfera com os seus fuzis e purificar o ar.

Rainha Victoria

No dia 20 de Junho deste anno a nação ingleza festejou o 60º jubileo do governo da sua rainha — uma festa rara e até o presente unica na historia da Inglaterra, porque nunca d'antes o sceptro esteve tanto tempo em uma unica mão; só quatro vezes houve uma approximação deste longo periodo de governo na Inglaterra: Henrique III (1216-73) governou 57 annos; Eduardo III (1327-77) 50 annos; a rainha Elisabeth (1559-604) 45 annos; e finalmente Jorge III (1760-18) 59 annos.

Assim como o glorioso periodo do governo de Elisabeth vio a Inglaterra como sendo a primeira nação nas armas e na litteratura, assim tambem a actual rainha da Inglaterra pôde chamar a si a gloria de, em um governo cheio de felicidades, ter feito grandes innovações nos diversos paizes sob o seu dominio e de ter alargado e firmado os limites dos seus dominios situados fora da Europa.

Os 60 annos de reinado da rainha que actualmente conta 78 annos não se passaram sem tumultos ou ameaças de guerras, sem lutas politicas ou outras difficuldades. A guerra da Crimea exigiu enormes sacrificios; os horrores da Italia encheram a Europa de sustos e de pavor, as desavenças com a Nova Inglaterra na America do Norte e na Irlanda, as lutas e os derramamentos de sangue no Egypto, bem como nas colonias inglezas, punham em perigo os haveres e a vida de cidadãos inglezes, mas no paiz propriamente dito, reinava a paz, ainda mesmo nos annos em que quasi todas as nações da Europa estavam expostas a movimentos revolucionarios. A arte a sciencia floresceram sob o reinado da rainha Victoria; o commercio e as industrias progrediram e a igreja e o estado caminharam de mãos dadas tendo em vista o engrandecimento da Inglaterra.

Filha do principe Eduardo e princeza Luiza de Leiningen, ella nasceu em 24 de Maio de 1819, no palacio de Kensington e os inglezes a den-minaram logo: *The little May-blossom*. A sua educação foi uma das mais primorosas, e do seu tempo de mezinhe se contam muitos episodios, para cuja reproducção nos falta aqui o espaço necessario.

Depois de coroada rainha, casou-se ella com o principe Alberto de Sacks-Coburgo-Gotta em 10 de Fevereiro de 1840. A extraordinaria delicadeza do principe e o tacto com que elle se houve na posição deprincipe consorte, o amor que elle dedicava á sua consorte, fizeram com que fosse tambem elle occupar uma posição saliente no coração do povo. Foram casados durante vinte e um annos e deste consorcio houve os seguintes Filhos: A princeza Victoria (*Princess Royal*) nascida a 21 de Novembro de 1840, consorciou-se com o principe da coroa da Prussia; o principe de Gales que se casou com a princeza Ale-

xandra da Dinamarca; a princeza Alice que se casou com o principe Ludovico de Hesse; o principe Alberto Duque de Edinburgo; casou-se com a grã-duqueza Maria da Russia; a princeza Helena com o principe Christiano; a princeza Maria com o Marquez de Lorne; o principe Arthur (Duque de Connaught) se consorciou com a princeza Luiza da Prussia; o principe Leopoldo (Duque de Albany) com a princeza Helena de Waldeck-Pyrmont e a princeza Beatriz, finalmente tornou-se esposo do principe Henrique de Battenberg.

O seu casamento foi dos mais felizes como ella é a propria a dizer.

A sua residencia predilecta era no palacio de Balmoral onde passavam muitos mezes do anno e onde empreendiam longas excursões nas montanhas, onde, sem serem conhecidos muitas vezes não fazer uma refeição em casa de pobres habitantes das florestas.

As impressões destas excursões foram colleccionadas em dous volumes publicados pela rainha; *Leaves from the journal of our life in the Highlands* dos quaes o primeiro appareceu em 1869 e o segundo em 1885. Ambos os volumes põem em evidencia o espirito da rainha, os seus sentimentos pelas bellezas da natureza e a sua faculdade de descrever bem o que tinha visto.

O anno de 1811 foi um dos mais infelizes para a rainha. Na primavera perdeu a sua mãe e no dia 14 de Dezembro, passou pelo duro golpe de perder o seu esposo, golpe este que ferio tambem profundamente todo o povo inglez, pois o denominavam «Aberio o Boim».

Quando, em 1837, a rainha foi coroada imperatriz das Indias e dez annos mais tarde festejou o seu 50 jubileo de reinado, já muitos dos seus haviam desaparecido do rol dos vivos, mas a rainha da Inglaterra não está isolada. «Sou grata a Deos por não me haver levado todos», diz ella: «Quando algums dos meus filhos já não eram pequenos, tive netos e agora felizmente tenho bisnetos, que me dão grande alegria e dos quaes posso cuidar.» Agradecida, toda a nação ingleza, olha para a sua rainha que com sabia e bondosa mão sabe guiar as redeas do governo e soube angariar o amor e a veneração do seu povo.

A entrada Yomei-mon em Nikko

Francisco Hohenberg, um joven artista viennense disceplulo do notavel pintor de motivos orientaes, Carlos Leopoldo Muller de Vienna, já fallecido, completou seus estudos em Paris, onde se aperfeiçoou durante dois annos.

O seu quadro que reproduzimos, representa a entrada Yomei-mon, do Templo Jeyasu em Nikko, a qual é a mais notavel e bella de todo o Japão.

Em principios do XVII seculo os tokugawarchos Jeyasu e Jeyusitu construíram em uma região uber-rima, perto da montanha Nikko, no meio de grande floresta de cryptomoros, mausoleos em honra e lembrança sua, os quaes se compõem de diversos patcos que, separados por muros e por valados, são ligados por meio de entradas imponentes.

Nos patcos se acham cascas fortes, bibliothecas, casas de poços, salas de danças sacras, residencias de sacerdotelles, cocheira para o sacro poney, etc.

A entrada Yomei-mon pertence ao Templo Jeyasu. Treze largos degraus para ali conduzem; ella liga o segundo pateo do templo ao segundo, e como todas as construções de templos no Japão é feita de madeira. É difficil que haja uma outra construção que possa ser igualada a esta em esplendor e riqueza de colorido, e que haja tão nobre e harmonicamente.

Nos nichos de ambos os lados da entrada, acham-se figuras do pantheon shintoistico, chamadas Sadaijin e Udaïjin, em trajes de corte antiga. No collo ellas trazem um arco e as costas um colchre para flechas.

As flechas bem como as varies da grade que cercam estes nichos são cobertos de alto e baixo, com lavrados representando figuras geometricas, são pintados de branco e ricamente adornados de revestimentos de bronze. Para evitar que a irreprehensivel helleza da obra de arte provoque a inveja dos deuses e que por conseguinte traga a discordia á casa dos Tokugawas, o artista, mul propositalmente gravou nua das figuras ás avessas em uma das columnas, isto é de cabeça para baixo.

Nas extremidades das vigas que repousam sobre as columnas, se acham Kirins (leões chinezes, e us travessões se acham tambem representadas, em alto relevo, as imagens desses annaes, em attitude de corrida.

Hohenberger que apenas nos apresenta o conjunto pittoresco do porto não pode reproduzir ali todos os detalhes da obra de arte e apenas diremos ainda que o parapieto ricamente esculpido e pintado que se acham em cima e supportado por Kirins dourados. Em cima do parapieto ha outros pilares tambem entalhados e pintados, terminados por cabeças de dragões bem proeminentes. O grande espaço entre as travess de coberto por dois enormes dragões em lucta.

Por cima destes ha um grande numero de cabeças de dragões imponentes e dourados, tendo as fiances encarnadas muito abertas e que supportam a cobertura voltada para cima em cujas extremidades se acham suspensos sinos decorativos. A cunha bem como os lados da mesma estão ricamente guarnecidas de chappeados de bronze, chappeados estes que formam um bellissimo contraste com as telhas escuras. A direita e á esquerda da entrada existem cuneiros nos quaes os sacerdotelles e os peregrinos fazem orações.

Enormes cryptomoros seculares e verde escuro cercam completamente o terreno em que se achou o templo e formam um singular e imponente contraste com os edificios phantasticamente pintados. A arte o

a natureza andam de mãos dadas no Japão, são inseparáveis e completam uma à outra. Os logares consagrados aos deuses se acham em geral em maravilhosas florestas e com certeza o desenvolvimento da architectura foi poderosamente influenciada pelos sérios e socegados quadros que a natureza offerece. Si as nossas igrejas se achassem collocadas no meio de florestas ellas teriam tambem um aspecto colorido, provocando contrastes coloridos.

Os sacerdotes schintos representados no nosso quadro descendo a escada, acabam de vir do seu officio religioso. As suas vestes de gazes com mangas largas são vistas frequentemente nas mais variadas cores, mas sempre tem a unica cor, o que não acontece com os sacerdotes buddhistas. O gorro chamado *boschi* ou de feito de gaze ou, as mais das vezes, de papel, coberto com lacre preto escuro.

Conselho

Tu me disseste que teu coração Não pôde permitir nma outra cousa: Em breve dormirá no frio chão, Debaixo de funerea e negra lousa.

Tu, criança na idade da illusão, Por que te fazes triste e pezarosa? Por que descreés e vives na afflicção, Quando viver devias radiosa? Ama; e verás, então, o firmamento, Como escripto, riquissimo, opulento, De joias, cheio d'astros a brilhar...

Ama; que as horas correrão serenas, Tal um cysne de niveas, brancas pennas N'um grande lago azul, calmo a boiar...

THEOTONIO DE OLIVEIRA.

Os jazigos de Klodike

O 'New-York Herald', publicou um despacho telegraphico dizendo que as noticias acerca da riqueza dos jazigos d'ouro de Klodike (Alaska) crearam uma verdadeira febre mineira.

Muitas pessoas se preparam para partir para ali. Segundo parece, a quantidade d'ouro recolhido este anno nas jazigas de Klodike avalia-se em cinco milhões de dollars.

O vapor 'Portlaud' chegou ao Seate conduzindo o valor de um milhão de dollars.

Dialogo triste

—Olhai, senhora, e vede como choro! Meus olhos vertem lagrimas de pranto! Partio meu doce amor! Eu vos imploro Um lenitivo pra quem soffre tanto!

Envolto o coração tenho n'um maudo De angustia e de tristeza; e não minoro Este tormento, esta saudade, emquanto Judith não voltar — essa que adoro!

—Pobre mancoço, de saudades triste, Eu bem quizera mitigar as dôres Deessa paixão que em vosso peito existe, Mas meus olhos, tambem, saudosamente, Maguados vertem lagrimas de amores Quando ás vezes de vós, vejo-me ausente!

CANDIDO CARDOZO.

Os desallos ao principe Henrique d'Orleans

O 'Imparcial' chegado ultimamente publica um telegramma do seu correspondente de Paris, em que este lhe comunica que o conde de Turim, filho segundo do fallecido duque d'Aosta, Amadeu de Saboya, e capitão de cavallaria, reclamou a prioridade para se bater em nome do exercito italiano com o principe Henrique d'Orleans, primo de sua cunhada a princeza Helena, duqueza d'Aosta. O conde de Turim já para esse effeito dirigiu um telegramma ao principe Henrique, pedindo-lhe explicações das offensas feitas ao exercito italiano nas cartas publicadas pelo 'Figaro' e pelo 'New-York-Herald', jornaes que pagaram as despesas da expedição do filho do duque de Chartres à Abyssinia. A proposito deste incidente, é preciso rectificar a noticia de haver o general Albertone pedido a sua demissão para ficar livre para qualquer eventualidade. Segundo diz um jornal europeu, o ex-prisioneiro da imperador ethiopo o que pedio foi a sua passagem o inactividade, e essa mesma lhe foi negada pelo ministro da guerra.

Desastre das tropas francezas

Os francezes soffreram um desastre em Africa, nas immedições de Tombuctu. Uma força de cavallaria da guarnição franceza daquelle cidade sahira para perseguir e para castigar os indigenas 'tuareghshaggar', que ultimamente se têm distinguido pelas suas proezas, commettendo roubos e

mortes e fomentando a desordem em toda a região situada ao norte da rainha do Deserto.

O desastamento foi porém surpreendido pelo inimigo.

Travou-se tenhido combate e após elle, as forças francezas tiveram que retirar-se, deixando no campo muitos mortos, entre os quaes 2 officiaes, 2 sargentos e 20 soldados do regimento de *spahis*.

As noticias de Tombuctu levam muito tempo a chegar a Europa.

MOSAICO

Uma rapariga romantica, que vive a pensar em casamento, está preste a afogar-se n'um rio. Acode-lhe um rapaz e diz-lhe ao chegar a margem: Dê-me a sua mão.

A senhoria: — Assim de prompto, não lhe posso responder, Devo consultar meus paes. E a desgraçada afogou-se.

Sem o freio dos costumes o progresso material das sociedades não é mais do que uma marcha precipitada na decadencia.

G. M. VOLTOUR.

Os homens não se consolão do primeiro amor, nem as mulheres do ultimo.

J. J. WEISS.

Um sujeito voltou da Europa, contando muita novidade e dizendo que tinha corrido todas as cidades europeas.

— Então o senhor sabe muito bem geographia. — Não, respondeu o sujeito, não fol a essa cidade, mas estive perto.

Moldes Cortados

ESTAÇÃO DE 31 DE AGOSTO

- N. 24 — Calças saia 1\$000. N. 27 — Vestia dupla 1\$000. N. 37 — Saia com maeço 1\$300. Pelo correio mais 30 rs. Temos costumes para cyclistas.

AS MÃES DE FAMILIAS

PILULAS DE NECTANDRA AMARA

RECURSO AO ALCANCE DE TODOS OS DOENTES DO ESTOMAGO E INTESTINOS

Não bastam as seguras e importantes communicações do Ex. presidente da Camara Municipal de S. João Marcos, Estado do Rio de Janeiro; do Rm. vigario de S. José do Pied. Estado de Minas, da Exma. fazeadeira do Sachoiro da Ilhissima, Estado do Espirito Santo e do conselheiro acaudalado de Alcabaga, Estado da Bahia, para bem e salutar dos grandes beneficos, que já têm prestado e estão destinadas a prestar aos doentes, habitantes fore desta Capital, as **Pilulas de Nectandra Amara** remedio Paulista, que fôrto propozionalmente formuladas com todas as precauções scientificas para se converterem sempre perfitas e em certas fortes para trom pelo **corrolo** scadir os doentes, onde quer que estejam a quizerão saalvas.

S. João Marcos, 13 de Julho de 1897 — Ilm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Têm sido na verdade tão satisfactorios os resultados obtidos pelo uso das pilulas de Nectandra Amara em nossa casa e na de alguns amigos a quem communiquei os que, em qualidade de presidente da Camara Municipal, a qual tem a seu cargo a manutenção de uma casa de caridade aqui, pedi ao digno facultativo da mesma que as applicasse a aquellos casos em que possa ellas applicavel. São com estima, attenção, veneração e crido — **João Paulo Ribeiro de Almeida**.

S. José do Pied., 12 de Fevereiro de 1897 — Ilm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Ilmo de Janeiro — Amigo e senhor — Com a devida presteza pagu-lhe o especial obrigado de enviar-me 12 caixas de pilulas de Nectandra Amara. Mandei 12\$000 Reconhecido por demais não os effeitos do precioso medicamento Nectandra. São dignos de todos os elogios o que tanto cooperarão para o descobrimento de tão precioso antidoto. Subscrivamo-me, com muita consideração e estima, de V. B. amigo, obrigado e serro — **Andre Antonio Teixeira da Silva**.

Ilm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda, Cebeiro do Itapemirim, Estado do Espirito Santo, 4 de Abril de 1897. — Faço esta para pedir-lhe ter a bondade de arranjar doses certas de pilulas de Nectandra Amara e mandá-las entregar em caso dos meus correspondentes os Sr. Ceneira Souza S. C. de quem receberei o importe das mesmas. Tenho empregado as pilulas de Nectandra Amara e sempre com feliz resultado, e com razão pôde-se mesmo chama-las remedio santo; teho tambem vontade de experimentar o seu effeito e viho da mesma preparação e assim que puder mandarei vir. Teho recommendado a todos as pessoas que não dixerem de ter em casa. He precioso remedio a dado a alguma direcção da sua casa para podermos pedir. Termino, com alta consideração de V. Sr. admiradora e crido. — **Maria Magdalena de Passi Penna**.

Alcabaga, Estado de Bahia, 2 de Abril de 1897. Ilm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Heu-lhe contra deita a minha parte V. ter a bondade de remetter-me um caixa com pilulas de Nectandra Amara, pela que ficarei assaz agradecido; tanto de remetter-me, como pela grande descoberta das affamadas pilulas, que para mim é um dos melhores remedios que tenho applicado em minha familia, de que teho tirado grande realçada. — Sou com toda estima e consideração, de V. B. amigo, crido e obrigado. — **Moses Oliveira**.

Mostrô estas communicações a grande efficacia das pilulas de Nectandra Amara, remedio Paulista, para todas as enfermidades do estomago e dos intestinos e a facilidade de obti-las em qualquer parte que seião prozimas, pelo remittendo-se \$300 para uma caixa, 12\$00 para seis, a 20\$00 para doze caixas. Ao proprietario, indicando-se o logar e o Estado a que pertence, elle remette immediatamente registralas pelo correio as caixas pedidas. Irracção para se pedido: — **Joaquim Bueno de Miranda** — Rua de S. Pedro n. 71, lo andar, Rio de Janeiro.

N. B. — As **Pilulas de Nectandra Amara**, remedio Paulista, são formuladas com o mesmo dosagem da **Nectandra Amara**, para irem com a facilidade possível pelo correio, para qualquer parte do mundo, e sempre e falta a prozima e mesmo applicada de **Leite de Bico** ou de **Leite de Fava** de **Nectandra Amara**, remedio Paulista, que, por serem liquidos, não pôdam ser transportados por esta modo rapido e seguro.

Para o **enjojo de mar**, para **anemias**, para **freqüentes de porras** e de **convulsões** e de **malarias** graves a longas, deve-se usar as **Pilulas de Nectandra Amara** em um pequeno calice de vinho, superior, de Porto para tomal-as em liquido, que sua acção torna-se mais prompta; assim tambem pôdem tomar as pessoas e crianças que não tehoão facilidade de tomar pilulas saccos a nota caso pôdem dissolver as mesmas em sua própria urina, logo visto os prospectos, que levão os francezes, são em tres linguas: **portuguezas**, **inglesas** e **francesas** para facilitar o seu uso, por seccionas e estrangeiras.

ENJOJO DE MAR

ADMIRAVEIS RESULTADOS

São constantes as communicações e attestações como as seguintes, que justificam a extraordinaria efficacia da **Nectandra Amara**, remedio Paulista, contra o **enjojo de mar** e todos os **malos enjojos** e enfermidades de **estomago** e **dos intestinos** tão frequentes durante as viagens, tanto maritimas, como terrestres; assim conhecida a variedade applicação, que tem esta obra e prodigioso medicamento para tantos casos, he commum na vida, seosim viajante, que embarca, encetara a viagem sem levar-lhe por prevenção ao menos, para o que possa succeder-lha.

Em 7 de corrente um negociante de S. Paulo nos escreveu e segulante: « O meu socio W. e quem recommenda a **Nectandra Amara** para enjojo de mar, conta-me que a sua irmã encravou-lhe de Londres, maravilhada pelo resultado que obteve a bordo.»

Em 19 de Maio proximo passado o distinto medico Dr. Ernesto Platto sobre as applicações e observações, que fez a bordo do paquete **Orinda**, nos escreveu o seguinte: « Caso de **enjojo de mar**, tratado pelo **Leite de Nectandra Amara**, 20, sendo que em 21 e resultado foi completo, observando nos quatro restantes casos melhores: **casos de peraricção gastro-intestinal**, tratados pela mesma medicação, oio, sendo que destes se faz muito delectar o caso do Sr. scudor federal A. A., atacado de violentissimas colicas intestinaes; e caso do Sr. E. G., passageiro de 14, embarcado em Pernambuco, com delirio no Pará, soffrendo de gastralgias intoleraveis que o importunavam já ha um mes antes do embarque, e caso do Sr. F. M., passageiro de 14 tambem, embarcado no Pará, com delirio de **maluco** e acometido da colica e vomitos incoerciveis. Em todos esses casos bem como nos demais cinco restantes, o effeito obtido foi completo e rapido.

Ante estes resultados mais uma vez attesto que para **enjojo de mar** e para as **peraricções gastro-intestinaes** os preparados de **Nectandra Amara** são de um emprego facil e seguro.»

Em 9 de Outubro de 1895, e drargido do Corpo de Sande da Armada, Dr. Henrique Mangoso, nos escreveu e segulante: « Attesto que em viagem em navios de guerra teho tido occasio de empregar a tintura de **Nectandra Amara** de Anlato Lisboa contra diversos casos de enjojo, sempre com excellentes resultados. O referido é verdade sob a divisação de men grão.

Capital Federal, 9 de Outubro de 1895. — Dr. Henrique Mangoso»

Em 17 de Agosto de 1895, o Sr. Laucud nos escreveu o seguinte: « He de Janeiro 17 de Agosto 1895. Monsieur J. B. de Miranda, Conformement à ma promesse, j'ai exécuté but le plaisir de vous remette le litre de Miss Richardson, le damo, dont je vous avale parlé et qui est attestée de l'efficacitè de la Nectandra Amara contre le mal de mer, romède qu'elle a essayé, sur les instances de paronneux connues et mari, recados plus tisture de Nectandra Amara, com delirio no Pará, soffrendo de gastralgias intoleraveis que o importunavam já ha um mes antes do embarque, e caso do Sr. F. M., passageiro de 14 tambem, embarcado no Pará, com delirio de **maluco** e acometido da colica e vomitos incoerciveis. Em todos esses casos bem como nos demais cinco restantes, o effeito obtido foi completo e rapido.

J'ai l'honneur d'être votre serviteur dévoué, — R. Amilhon Legend a Lettre de Miss Richardson.

I have much pleasure in testifying to the merit of Nectandra Amara as a remedy for sea sickness. I used it recently on a voyage, and found it most efficacious. — H. Richardson.

Rio de Janeiro, 15th August 1895.

Em 15 de Outubro de 1895, o Km. 11r. Paes Leme nos escreveu a segulante: « He de 15 de Outubro de 1895. — Amigo Bueno de Miranda — He longos annos sempre empregou as suas preparações da **Nectandra Amara** em pessoas da minha familia, e com vantagem maior delle para o prazer de vos remette le litre de Miss Richardson, com o qual sabe quanto é efficaz a tintura para o enjojo proveniente dos movimentos bruscos e abalos que soffre o viajante em nossas estradas de ferro. Verifiquei e sua efficacia em um cambulo, que de estação de Sierriana dirigiu-se para Juli de Fora, e mais tarde, vindo para Ilheus no Campo, tive occasio de observar os mesmos effeitos em pessoas da minha familia. A **Nectandra Amara** já está por demais recommendada, mas não a maior prazer em constatar factos que se passaram a minha vida e que concretizo sem duvida para alivio de muitos. Sempre amigo. — **Padro G. Pass Leme**.»

N. B. — Os preparados de **Nectandra Amara**, remedio Paulista, incluem um prospecto em tres linguas — **portuguezas**, **inglesas** e **francesas**. — Vendem-se em todas as farmacias a drugarias e no **deposito** do fabricante a Rua de S. Pedro n. 71, sobrado, Rio de Janeiro, Brazil.